

RESENHA

STEINER, George. **Lições dos mestres**. Tradução de Maria Alice Máximo. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018, 195p.

Vilmar Martins¹

George Steiner, autor da obra aqui resenhada, é um notável crítico literário e professor emérito da Universidade de Cambridge. Com mais de meio século de experiência docente o autor já lecionou em Oxford, Stanford, Princeton, Harvard, Yale e Genebra. O livro em questão é o resultado de conferências da série *Charles Eliot Norton Lectures*, proferidas na Universidade de Harvard sobre a arte de ensinar e aprender.

Dividida em seis capítulos a obra persegue a seguinte questão: “O que dá a um homem ou a uma mulher o poder de ensinar a outro ser humano, de onde provém essa autoridade?” (p.11). Para responder essa pergunta o autor debruça-se sobre um dos pares mais consagrados e cultuados da história da humanidade: o mestre e o discípulo.

O encontro entre esses diferentes sujeitos é sempre infinitamente complexo, podendo ser avaliado considerando vários exemplos que vão desde Sócrates e Platão, passando por Jesus e os seus discípulos, Virgílio e Dante, Heloisa e Abelardo, até mesmo os sábios do judaísmo, do confucionismo e do budismo. Para além de questões genéricas sobre essas relações o autor também descreve a triste relação de Husserl e Heidegger e a devoção dos seguidores da Musicista Nadia Boulanger.

Projetando três cenários ou estruturas de interação entre mestre e discípulo Steiner observa que: 1) existem mestres que destroem seus discípulos, psicologicamente e em casos mais raros fisicamente também; 2) assim como há discípulos, pupilos e aprendizes que derrubam, traem e arruinam seus mestres e por fim; 3) relações que são de troca, permeadas por um Eros de confiança recíproca.

No primeiro capítulo intitulado *Origens duradouras*, o autor analisa as relações de mestria na antiguidade, a Grécia clássica de Empédo-

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação e Arte – GRAFIA, no Subgrupo BIO-Grafia Nietzsche. Email: vilmarmartins@hotmail.com.

cles, Pitágoras, Sócrates e muitos outros mestres carismáticos que atraíram muitos seguidores.

Da Grécia o autor desloca-se para Jerusalém. Os dois berços do ocidente, de Sócrates para Jesus. Dois mestres com muitos paralelos, desde o sacrifício em prol das suas doutrinas, a multiplicidade de discípulos, a ausência de escritos próprios, até mesmo a morte solitária, abandonado pelos seus discípulos diletos.

Steiner descreve a oralidade e o exemplo como características marcantes desses mestres, capazes de arrebataram discípulos apaixonados – vide a paixão de Alcebiades por Sócrates. A sedução do mestre vai além das palavras, é um composto indefinível, espiritual e carnal.

Dirigindo-se ao intelecto, à imaginação, ao sistema nervoso, ao que há de mais íntimo nos seus alunos este mestre apaixonante toma em suas mãos de forma radical o espírito vivo dos seus discípulos. De toda forma as conexões entre mestre e discípulo são ambíguas, pois:

Os perigos são proporcionais ao júbilo. Ensinar seriamente é pôr as mãos no que há de mais vital no ser humano. É tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto. Um mestre invade, força a abertura, é capaz de devastar a fim de purificar e reconstruir. O ensino ruim, a rotina pedagógica, um estilo de instrução cínico – quer seja o cinismo consciente ou não – são perniciosos. Destroem a esperança pelas raízes. O mau ensino é, quase literalmente, assassino e, metaforicamente, um pecado. Ele diminui o aluno, reduz a uma insanidade abjeta o assunto apresentado. Impregna a sensibilidade da criança ou do adulto com o mais corrosivo dos ácidos, o tédio, com os eflúvios perniciosos do enfado. (p. 26).

No capítulo 2: *Chuva de fogo*, Steiner observa o entrelaçamento entre cristianismo e neoplatonismo no mundo ocidental. Partindo do ascetismo de Plotino, passando pela busca do mestre interior realizada por Agostinho, o autor chega na comédia de Dante e sua relação com Virgílio.

Plotino é o mestre do exemplo, exortando a alma a ir ao encontro de si mesma, a retornar à sua unidade infinita, muitas vezes parecia estar dialogando com seu espírito interior, um Ser de grau divino:

Ninguém como Plotino, segundo testemunho de Longino, fora capaz de lançar tanta luz sobre os prin-

cípios de Pitágoras e os de Platão, traduzindo-os em preceitos de conduta pessoal, de confiança na imortalidade, ainda que misteriosa, da essência humana. Foi pela via do magistério que Plotino pôs em prática sua doutrina de emanações divina. (p. 47).

Seguindo na descrição de exemplos, o autor coloca em cena Agostinho que exerceu sua introspecção no magistério. Os discípulos ao meditar sobre as lições repassadas pelos mestres são desafiados a se utilizarem de recursos de compreensão que lhes são dados por uma luz interior, e ao invés de louvar os mestres, os discípulos deveriam louvar a si mesmos. A doutrina da alma em Platão encontra um solo fértil em Agostinho.

O autor ainda indica que a relação de mestria entre Virgílio e Dante fica explícita na obra *Divina Comédia*. “Noventa citações de Virgílio no *Inferno*, trinta e quatro no *Purgatório*, apenas treze no *Paraíso*. Esse *diminuendo* preciso corresponde à dependência decrescente do discípulo em relação a seu mestre, à redução da dívida que tem a *Comédia* para com a *Eneida*”. (p. 54).

Magnificus, o título do capítulo 3, é uma provocação do autor, onde ele contrasta a exuberância do mestre com a traição dos discípulos. Diante de um mestre magnífico, ofuscante, que eclipsa todos a sua volta, apenas resta aos discípulos trair e abandonar o mestre, para assim obterem vida própria, porém as estratégias para tal nem sempre primam pelo respeito devido ao mestre.

Steiner descreve essa traição dos discípulos em muitas situações: na astronomia Kepler vale-se das anotações de Tycho Brahe sem lhe dar crédito; na universidade Heidegger usurpa o lugar de Husserl e relega o mestre ao obscurantismo.

Heidegger inicia carreira acadêmica como assistente de Husserl. Impressionado pela dedicação do assistente em defender sua obra, Husserl tinha motivos para crer que encontraria um brilhante discípulo, herdeiro espiritual e continuador de sua obra. Enfrentando grande oposição Husserl consegue se aposentar e nomear o discípulo em seu lugar. O que parecia ser o ápice de uma bela parceria intelectual torna-se uma vil traição. Heidegger passa a criticar abertamente seu mestre e sua doutrina. Em seus últimos dias, prostrado, o mestre intenta se defender das agressões do discípulo. Porém com a ascensão do Nazifacismo, Heidegger é nomeado reitor e nada faz para aliviar a situação do mestre de

origem judaica, nem mesmo ao enterro de Husserl ele comparece. Para Steiner, esse é um dos episódios mais tristes da história do pensamento.

O capítulo 4 é denominado *Maitres à penser*, inspirado na tradição francesa que legitima a figura e a ação do mestre pela sua prática e coragem, e o autor se pergunta pela responsabilidade do mestre nas ações dos seus discípulos. “Um mestre é responsável pela conduta de seus discípulos? Se for até que ponto o é e de que maneira (ética, psicológica, legal)? Se o bem pode ser ensinado, presume-se que o mal também o possa”. (p. 99).

O magistério quando inspirado é um intrincado híbrido de amor e ameaça de imitação e autonomia, não fica difícil imaginar que o desejo do discípulo é corresponder ao mestre e isso por vezes produz práticas deploráveis? Em que medida o enaltecimento de uma espécie superior, o cultivo de virtudes para “além do bem e do mal” apregoados por Nietzsche, em mãos indevidas converteu-se em um instrumental de propaganda do Nazifacismo?

Seria o fanático religioso um discípulo radicalmente fiel ao mestre? O que dizer das más interpretações? Quando discípulos intencionalmente interpretam de maneira errada ou deturpam os ensinamentos dos seus mestres?

O verdadeiro magistério pode ser um empreendimento terrivelmente perigoso. O mestre tem nas mãos algo muito íntimo de seus alunos: a matéria frágil e inflamável de suas possibilidades. (...) Ensinar sem grave apreensão, sem uma reverência inquietante pelos riscos envolvidos, é uma frivolidade. Fazê-lo sem se preocupar com quais podem ser as consequências individuais e sociais é cegueira. (p.102).

Para fugir dessa armadilha Steiner acredita que o mestre deve ensinar o discípulo a divergir, doando algo que no final será desprezado. A verdadeira condição de discípulo implica na rejeição do mestre. O discípulo necessita aprender a seguir só.

O capítulo 5 se volta para os Estados Unidos. *Em solo nativo*, explora o pouco enraizamento da cultura do mestre em solo estadunidense. O prestígio social do intelecto a despeito de uma compensação financeira não encontra eco na sociedade de imigrantes que compõe os Estados Unidos. Nem por isso deixam de existir mestres estadunidenses, desde Henry James, passando por Emerson até Adams.

Praticamente em qualquer empreendimento humano o aprendiz tende a tornar-se o crítico ou o rival de seu mestre. A dinâmica dessa relação é mais intrincada quando a técnica – a aplicação de tinta, a maneira de tocar o violino ou desenhar o projeto – é inseparável do estímulo e da inspiração exemplares. Quando a maestria requer sensibilidade além do conhecimento teórico. A música oferece-nos exemplo típico. (p.131)

A Musicista Nadia Boulanger seguindo uma longa tradição de mestres foi uma professora maravilhosa que se realizou a partir dos seus alunos. Afirmava sempre que buscava unir o seu melhor com o melhor deles e assim a mestra envolvia-se de forma completa no ato de ensino. Para Steiner o fascínio e o respeito que a mestra exercia sobre seus discípulos eram correspondidos pelos mesmos, dessa forma ela formou uma geração de músicos brilhantes e muitas são as histórias acerca do seu magistério.

O capítulo 06 denominado *O intelecto não envelhece* descreve duas tradições pouco conhecidas dos não iniciados: a dos mestres do judaísmo e a dos mestres orientais.

A hipótese defendida pelo autor é que a sobrevivência do judaísmo se apoia na relação milenar com a sinagoga, compreendida como sala de aula. O incessante diálogo entre Deus e o povo escolhido a partir da Torá e dos mestres, possui um caráter eminentemente pedagógico.

A vastidão oriental é abordada a partir dos mestres do Zen. Uma tradição onde vivência, ensino, aprendizagem, exemplo, modelo não possuem fronteiras claras. Mestres espirituais que exigem dos seus discípulos uma vida de dedicação. Vidas consagradas que no final ainda se julgam indignas dos seus mestres. Uma cultura voltada para a maestria, comunidades de discípulos, o Oriente ainda é um mistério pouco acessível aos nossos olhos ocidentais.

Para encerrar o livro, no último capítulo o autor advoga a libertação do discípulo, ilustrada pela relação de Joseph Agassi com Karl Popper. Steiner é enfático: “Todo ensino é provisório. Deve manter-se aberto à dissidência que o corrigirá”. (p. 170).

A tarefa do mestre encerra-se quando o mesmo é ultrapassado ou refutado pelos seus discípulos. O verdadeiro mestre enxerga no discípulo um potencial de futuro que está acima do seu e assim auxilia o dis-

cípulo a chegar onde o mestre está impedido de ir. “O verdadeiro mestre deve, no final, estar só”. (p. 102).

A obra de Steiner nos faz mergulhar nesta relação tão íntima e ao mesmo tempo tão pouco problematizada por nós educadores. Dada a dissolução da performance de mestria – ora somos mestres, ora somos discípulos – naturalizamos essa relação, sendo assim o livro nos faz mais uma vez repensar nossos papéis.

As belas narrativas e agudas reflexões do autor conseguem com certo virtuosismo fomentar a reflexão sobre a necessidade e a importância dos mestres. Em tempos de dissolução da autoridade, este é um livro que pode nos auxiliar a mais uma vez voltar a admirar o mestre.

Recebido em: julho 2018.

Aprovado em: agosto 2018